



U. PORTO

FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

OS 50 ANOS DO DEG

Porto
2024

Ficha técnica

Título

Os 50 anos do DEG

Organização

Maria Antónia Gaspar Teixeira

Edição

Universidade do Porto - Faculdade de Letras

Ano

2024

ISBN

978-989-9082-92-2

© Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Design e formatação

Mariana Selas

Sumário

Introdução.....	3
50 Anos de Estudos Germanísticos na Universidade do Porto: do passado ao futuro.....	4
50 Anos de Germanística no Porto	9
Uma revisitação de tempos idos.....	12
A (re)abertura do Curso de Germânicas no Porto. Memórias de uma estudante.....	15
As «Germânicas» na Rua das Taipas	20

Introdução

Por ocasião dos 50 anos do curso de Filologia Germânica na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, teve lugar nesta Faculdade, no dia 16 de setembro de 2022, uma pequena sessão comemorativa. Organizada pelo Diretor do departamento de Estudos Germanísticos, Professor Doutor John Greenfield, contou com a presença da Diretora da Faculdade, Professora Doutora Fernanda Ribeiro, bem como de numeroso público, entre o qual se encontravam diversos docentes, tanto atuais como dos tempos iniciais do curso.

Na tentativa de registar a memória do departamento, os textos aqui reunidos constituem uma transcrição quase *ipsis verbis* dos testemunhos orais então apresentados.

50 Anos de Estudos Germanísticos na Universidade do Porto: do passado ao futuro

John Greenfield

Diretor do DEG

No presente ano letivo, o Departamento de Estudos Germanísticos (DEG) da Faculdade de Letras do Porto, que, pelo número de estudantes, se encontra entre os maiores departamentos deste género na Península Ibérica, está a celebrar o 50º aniversário do estudo universitário da língua e da linguística, da cultura e da literatura, e da história e da filosofia dos países da expressão alemã no Porto. Esta celebração, que incluirá diversos eventos, entre conferências, concursos literários, semanas culturais e sessões de teatro e de cinema, iniciou-se com uma sessão alusiva, na primeira semana do ano letivo de 2022/23, 50 anos após o início das aulas do curso de filologia germânica, em outubro de 1972.

O curso começou a ser lecionado nas antigas instalações da Faculdade, no Largo do Prof. Abel Salazar, no centro do Porto, ao lado do Hospital de Santo António. No ano seguinte, em 1973, o curso mudou-se para um edifício próprio, na Rua das Taipas, antes de se instalar, provisoriamente – em 1977 – num edifício construído de raiz para todos os cursos da Faculdade de Letras, na Rua do Campo Alegre. Finalmente, em meados dos anos 90, mudou-se – com a quase totalidade das outras áreas científicas da Faculdade – para as atuais instalações: um edifício, também construído de raiz, da autoria do arquiteto Tasso de Sousa.

É evidente, portanto, que – no que diz respeito ao espaço – os estudos germanísticos conheceram grandes mudanças durante os 50 anos da sua história e gostaria de fazer uma pequena resenha histórica de outras modificações – científicas e pedagógicas – que marcaram o desenvolvimento da área dos estudos germanísticos na Universidade do Porto.

O primeiro curso de bacharelato e de licenciatura em Filologia Germânica, com a combinação obrigatória dos estudos anglísticos e germanísticos, com a dominante numa ou noutra área, foi criado em 1972. Na formação académica dessa licenciatura, com a duração de cinco anos, o aluno de estudos alemães tinha obrigatoriamente de frequentar unidades curriculares introdutórias dos estudos linguísticos e literários, bem como disciplinas anuais de língua alemã, de literatura alemã, de linguística alemã, podendo também escolher algumas unidades curriculares opcionais da área. No primeiro ano do curso, inscreveram-se muitas centenas de alunos: entre as estudantes que entraram nesta primeira leva encontramos a Teresa Oliveira e o Américo Monteiro, que, posteriormente, viriam a ser professores na casa: aliás, a Professora Teresa Oliveira também participa nesta publicação, para falar das suas experiências durante os primeiros anos na Faculdade. Temos hoje poucos livros de sumários do primeiro ano do curso de Germânicas: infelizmente, o livro de sumários da disciplina de língua alemã I já se perdeu; mas ainda se encontra nos arquivos da Faculdade o livro dos sumários da disciplina anual de Literatura Alemã I, lecionada pela Prof^ª Manuela Campos, a partir de novembro de 1972. Nas primeiras aulas desta disciplina, podemos ver que as matérias tratadas diziam respeito à poesia germânica primitiva e ao *Hildebrandslied*. No entanto, não são esses os primeiros sumários de matérias lecionadas no âmbito do curso: os mais antigos sumários ainda existentes datam de outubro de 1972, da disciplina de Introdução aos Estudos Linguísticos, com aulas iniciais dedicadas à apresentação da disciplina e às considerações sobre o estudo da linguística, da Profa. Fernanda Irene Fonseca.

O número de estudantes nestes primeiros anos do curso em Filologia Germânica manteve-se sempre elevado, com a entrada anual de cerca de 500 alunos. No entanto, a reforma curricular, que entrou em vigor após o 25 de abril (mais precisamente em 1978), veio modificar profundamente o modelo formativo existente, tendo substituído o bacharelato e a licenciatura em Filologia Germânica por uma licenciatura de quatro anos em Línguas e Literaturas Modernas. Significativamente, esta nova licenciatura permitiria aos alunos a combinação dos estudos alemães não apenas com os estudos ingleses, mas também com os estudos portugueses ou os estudos franceses. Esta reestruturação levou a uma grande diminuição do número de estudantes na área dos estudos alemães, que, a partir dos anos 80, se estabilizou: até sensivelmente ao ano de 2000, entraram um total de aproximadamente 100 alunos por ano nas três variantes do curso com alemão.

Na licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, com um plano curricular de disciplinas anuais (quase todas de carácter obrigatório), havia, na área alemã, quatro níveis de língua, bem como unidades curriculares de literatura, de cultura e cadeiras de opção da área da germanística (por exemplo, em Neerlandês e em Literatura Alemã Medieval). No entanto, esta estrutura foi modificada em 1987, com a introdução de três ramos diferentes: o ramo científico, o ramo de tradução (com disciplinas específicas de tradução e com um estágio integrado) e o ramo educacional, o ramo escolhido pela esmagadora maioria dos estudantes (igualmente com um estágio integrado e com unidades curriculares da área pedagógica). Este modelo de licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (com a variante em estudos alemães) oferecia, para além das disciplinas de língua, de literatura, de cultura e linguística alemãs, unidades curriculares em tradução e na metodologia do ensino de alemão, bem como diversas disciplinas alternativas ou de opção.

Este curso foi objeto de uma nova reestruturação (que entrou em vigor no ano letivo de 1999- 2000), com a semestralização da maioria das disciplinas, a diminuição das cadeiras obrigatórias e uma escolha mais diversificada de disciplinas opcionais na área dos estudos alemães. Notou-se, no entanto, nos primeiros anos do novo século, uma diminuição drástica do número de estudantes que procuraram os cursos tradicionais da germanística: esta redução significativa deveu-se ao facto de não ter havido, a partir de finais dos anos 90, lugares no ensino secundário para futuros professores da língua alemã (que – recorda-se – era o destino profissional privilegiado dos licenciados do ramo educacional da licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas). Em 2006 (um verdadeiro ano de crise existencial para os estudos alemães na Universidade do Porto), entraram apenas doze estudantes no curso de licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, nas diferentes variantes com alemão.

Como consequência, os cursos com alemão ministrados na Faculdade foram reestruturados e, a partir do ano letivo de 2007-08, no âmbito do processo de Bolonha, entraram em funcionamento novos tipos de formação de primeiro ciclo, que vieram substituir os antigos modelos. Assim, na área dos estudos alemães, foram criadas três licenciaturas, todas com a duração de três anos e todas com seis semestres de unidades curriculares de língua alemã: uma licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (que representa em grande parte uma reestruturação do antigo curso ‘clássico’ em em Línguas e Literaturas Modernas), uma licenciatura em Línguas Aplicadas (que retoma as

disciplinas do ramo de tradução) e uma licenciatura em Línguas e Relações Internacionais (uma formação mais relacionada com questões ligadas à diplomacia e às ligações externas). Os novos cursos de Línguas Aplicadas e de Línguas e Relações Internacionais foram propostos pelo Departamento de Estudos Germanísticos para dar resposta à procura de formações na área das línguas e culturas de expressão alemã que incluíssem também valências de outras vertentes nas humanidades. Estes dois cursos (em Línguas Aplicadas e de Línguas e Relações Internacionais) estão ambos sediados no Departamento de Estudos Germanísticos e incluem, nas suas respetivas estruturas curriculares, disciplinas dedicadas ao estudo da área da cultura e história alemãs. Ambas as formações têm alcançado resultados notáveis no que diz respeito às médias de entrada dos alunos do ensino secundário (inclusivamente, com as médias mais altas no país nos cursos da área das ciências humanas). Parece ter sido uma aposta acertada do Departamento para atrair o público estudantil para a área dos estudos alemães. No âmbito das três licenciaturas entram atualmente por ano na Faculdade sensivelmente 100 alunos que pretendem seguir os perfis com alemão nestas três licenciaturas (dividindo-se estes estudantes de uma forma mais ou menos equitativa entre as três formações).

Os três cursos de primeiro ciclo, com perfis em estudos alemães, dão acesso às pós-graduações sediadas no Departamento: o Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos e o Mestrado em Estudos Alemães. Ambos os cursos estão integrados em formações de pós-graduação internacionais. O primeiro no *European Master's in Translation* (que agrega 70 universidades europeias), o segundo, no Erasmus Mundus Joint Degree em *Transnational German Studies*, um curso coordenado pela Universidade do Porto em colaboração com as universidades do Luxemburgo, de Mainz e de Palermo. Para além destes dois mestrados, os docentes do DEG também participam em outras formações pós-graduadas (em cursos de especialização, em outros cursos de mestrado e em cursos de doutoramento).

Como é sabido, os estudos germanísticos na Universidade do Porto não se iniciaram de facto em 1972. Em 1919, houve uma tentativa de estabelecer um curso em Filologia Germânica (em anglística e germanística) na Universidade do Porto. No entanto, com a extinção da antiga Faculdade de Letras (que não conseguiu sobreviver à ideologia e à política educativa do regime instalado após o 28 de maio de 1926), o curso de Filologia Germânica deixou de ser ministrado no Porto, em 1931. Ou seja, na primeira fase da sua história na Universidade do Porto, os estudos alemães duraram apenas doze anos. Creio

que a história mais recente da germanística mostra que os cursos dedicados ao estudo da cultura, da história, da língua, da linguística e da literatura alemãs na Universidade do Porto conseguiram ultrapassar a crise existencial de 2006, estando atualmente mais fortes. Sinal bem claro da dinâmica desta área é o trabalho de docência e de investigação dos professores: somos apenas uma dúzia de docentes da área da germanística (dos quais dois leitores do *Deutscher Akademischer Austauschdienst*), mas asseguramos a lecionação de 70 unidades curriculares para cerca de 300 estudantes de licenciatura e 50 estudantes da pós-graduação. Parece-me que o empenho dos meus colegas no ensino e na investigação é sinal bem claro de que no início do segundo meio século da sua existência, os estudos alemães na Universidade do Porto têm a força necessária não só para continuar, mas também para continuar a crescer no futuro.

50 Anos de Germanística no Porto

Maria Manuela Gouveia Delille

Em primeiro lugar quero cumprimentar todos os presentes e agradecer ao Colega e Amigo John Greenfield o convite para participar nesta mesa-redonda, que representa para mim uma oportunidade muito bem-vinda de reencontrar antigos Colegas, velhos amigos e conhecidos.

Julgo que o objectivo da minha intervenção será ajudar a entretecer o passado com o presente, ou seja, o de começar a recordar uma parte da história prévia deste Departamento.

Na verdade, a colaboração por mim dada aos Estudos Germanísticos no Porto quase se perde nas brumas da memória: teve o seu início há quarenta anos, em Outubro de 1982, quando assumi, por convite do Conselho Directivo e Científico desta Faculdade, as funções de orientadora científico-pedagógica do Grupo de Estudos Germanísticos (ainda não se chamava Departamento), funções essas que exerci ininterruptamente até Dezembro de 1987, mês em que se realizou o Doutoramento em Literatura Alemã do Gonçalo Vilas-Boas.

Devo talvez esclarecer que o meu conhecimento de três dos Assistentes do então corpo docente, o António Franco, o Gonçalo e a Maria Antónia Teixeira, já datava dos anos 60, em que, na qualidade de Assistente, fui professora deles na Universidade de Coimbra; de outra Assistente, a Maria Marques, o conhecimento era ainda um pouco mais antigo, vinha dos tempos de estudante.

Em que consistia a minha orientação e como se processava?

Consistia essencialmente numa revisão crítica das várias áreas dos programas de Língua, Literatura e Cultura (a área de Linguística estava entregue ao António Franco que trabalhava sob orientação à distância do Professor Schmidt-Radefeld (Universidade de Kiel), já há muito seu orientador da tese de Doutoramento.

Tratava-se de um grupo relativamente grande de Assistentes e Leitores (dos Assistentes recorde desde o início, além dos já citados, a Zaida Ferreira, a Maria Teresa Martins de Oliveira, o Américo Monteiro, mais tarde o John Greenfield; dos Leitores alemães e portugueses – a Maria Isabel Ravara, a Angelika Barros, a Barbara Schmied, o Thomas Brysch (que tomou a seu cargo o curso de Cultura Alemã durante a dispensa de serviço do Américo), o Adrian Meier, a Anna Delhaes, a Heidi Schwaminger , o Horst Hüncker, e outros com estadias mais breves). Não foi trabalho fácil, havia muita coisa a modificar, temas e autores, sobretudo de Literatura Moderna e Contemporânea, eram dias completamente cheios. Geralmente fazia uma sessão de manhã só para os Leitores, e outra à tarde para os Assistentes, em regra sessões demoradas; recorde uma delas, especialmente demorada, que me fez perder o último comboio de regresso a Coimbra e acabar recolhida em casa da Zaida.

Não obstante todas as dificuldades e eventuais contratemplos, quero dizer que senti haver entusiasmo de parte a parte. Se eu me lancei às novas tarefas com empenho e algum idealismo, se tomei gosto nelas, todos corresponderam com interesse e dedicação e deram o seu melhor. Acolhi com muito agrado, em 1983, um evento da iniciativa e organização do Gonçalo Vilas-Boas e da Zaida Ferreira, o Colóquio *Kafka. Perspectivas e Leituras do Universo Kafkaiano*, e nele participei. O Colóquio atraiu à FLUP os escritores Agustina Bessa Luís e Antonio Rebordão Navarro e os Professores Hartmut Binder (Pädagogische Hochschule Ludwigsburg) e Dietmar Goldschnigg (Universidade de Graz) e vários Colegas de Coimbra e Lisboa. Ponto alto na vida da Germanística portuense, dele surgiu também a ideia de estudar a recepção de Kafka em Portugal, estudo esse que naturalmente procurei estimular, tendo nessa altura eu própria e alguns elementos iniciado uma pesquisa em jornais e revistas literárias portuguesas dos anos 40.

Durante o exercício das minhas funções de orientadora na FLUP, pude sempre contar com o apoio muito seguro dos Presidentes dos Conselhos Directivo (Professores Cândido dos Santos e João Marques) e Científico (Professor Eugénio dos Santos) e também de alguns Professores de Românicas que serviam de intermediários entre o Grupo de Germanística e o Conselho Científico (Professores Mário Vilela, Ferreira de Brito, Adriano Freitas de Carvalho, Jorge Osório).

Em 1986 passei a pasta dos cursos de Língua Alemã ao António Franco, que entretanto se tinha doutorado. A partir de 1986 alguns Assistentes e Leitores – a Maria Teresa Oliveira, a Ana Isabel Boura, a Maria Antónia Teixeira, a Barbara Schmied e o Thomas

Hüsgen - iniciaram a frequência em Coimbra do Curso de Mestrado sobre Literatura Alemã e Comparada.

Desse curso resultaram, sob minha orientação, a tese de Mestrado da Maria Antónia Teixeira., os temas da dissertação de Doutoramento da Teresa Oliveira e do trabalho de síntese das provas de capacidade científica e aptidão pedagógica da Ana Isabel Boura. Continuei a orientar a dissertação de Doutoramento do Américo Monteiro e a co-orientar a do John Greenfield, mais tarde também a da Maria Antónia Teixeira e a da Ana Isabel Boura, que igualmente comigo escolheram os respectivos temas.

Não foi um tempo idílico, não há tempos inteiramente idílicos, mas devo dizer que pensando nesses anos – agora que me senti obrigada a desfiar e a ordenar estas memórias – quero dizer que no seu todo foram memórias de alegria (como disse o poeta Eugénio de Andrade sobre os tempos que passou em Coimbra), com resultados gratificantes, pelo menos para mim, na medida em que conquistei não só novos alunos, mas novos Colegas e colaboradores.

A colaboração, nos anos 90, de um grupo de Professores e Assistentes da Germanística portuense no Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos (CIEG), que fundei na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1994, constituiu prova máxima da sintonia de gostos e interesses, da boa relação de cordialidade, de amizade mesmo, que, alicerçada em trabalho profícuo, se criou desde aqueles anos e que se mantém até hoje.

Porto, 16 de Setembro de 2022.

Uma revisitação de tempos idos

Gonçalo Vilas-Boas

Irei falar aqui da minha experiência a partir de dezembro de 1975, ano em que iniciei o meu trabalho docente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, correspondendo a uma sugestão do Professor Carlos Azevedo, que tinha sido meu colega como estudante de Germânicas em Coimbra.

O curso de Filologia Germânica, que englobava no início os Estudos Alemães e Ingleses, funcionava na altura na Rua das Taipas, num edifício muito interessante, mas com más condições para tantos alunos e tantas cadeiras. As reuniões no rés-do-chão juntavam os professores de inglês e de alemão, com a direção inicial do Dr. Armando de Moraes. Eram os anos pós 25 de Abril e a vontade de intervenção era forte, o que proporcionava longas e interessantes discussões. Um pouco mais tarde, chegou a colega Margarida Losa, que com ideias inovadoras, fruto da sua experiência nos EUA, representava uma lufada de ar fresco naquelas reuniões.

Na Germanística, destacavam-se as vozes do António Franco e do Udo Kötzle, mas também a da leitora Maria Antónia Gaspar Teixeira, e dos leitores Gunther Hammermüller, Ruth Mattiaschick, e de Roza Huylebrouck na área do alemão, depois o Michael Scotti-Rosin, a que se seguiram muitos e muitas outros e outras, enviados pelo DAAD. A literatura estava entregue a assistentes, como a Maria Marques e eu próprio, e, durante algum tempo, o José Manuel Coutinho.

Primeiro deslocava-me ao edifício das Taipas de bicicleta, daquelas de roda pequena, mas rapidamente mudei para uma motocicleta Casal Boss, azul, na qual levei algumas vezes a colega Ana Maria Brito, contratada como linguista para dar aulas nas Taipas a partir de 1976. Mais tarde até me casei com ela! Havia reuniões dos diferentes grupos no edifício que foi das Biomédicas, conhecido pelo odor da cavalaria da GNR! O Conselho Diretivo também se reunia lá regularmente. O diretor da Faculdade de então era o Professor Óscar Lopes, como os mais antigos se recordarão.

As condições de trabalho eram deficientes, com poucas salas de aulas e sem gabinetes para os docentes. Além disso, havia umas escadas a exigir algum esforço matinal: tinha aulas no quarto andar. Quase que não havia apoio bibliográfico na nossa área! Mas havia um bom ambiente de trabalho e havia alunos com boas motivações. Discussões claro que as havia, uma vez que estavam em confronto diferentes concepções de ensino. De um início mais, digamos, revolucionário quanto aos temas e aos autores escolhidos, o ensino da literatura ia-se aproximando do cânone, ou melhor, dos cânones, dando-se cada vez mais atenção aos textos nos respetivos contextos.

Como é sabido, não tardou que a Faculdade de Letras no seu conjunto transitasse para o edifício recém-construído na Rua do Campo Alegre. As condições melhoraram substancialmente, mas revelavam-se longe do ideal. O edifício continuava a ser pequeno para abarcar tantos estudantes, mas já havia bar e uma biblioteca, para além de dois anfiteatros, e até gabinetes para os docentes, coisa inexistente nas Taipas. Nos primeiros tempos, os docentes ainda eram pagos em dinheiro – a Dona Adosinda dava-nos um envelope com as notas e moedas, isso das transferências veio depois.

Os Estudos Ingleses e os Estudos Alemães separaram-se e cada área tinha uma sala própria. A Biblioteca dos Estudos Alemães já como Departamento próprio recebia livros pedidos à Gulbenkian, mas também oferecidos pelo DAAD, pela Embaixada da Áustria e pela Pro Helvetia.

Novos colegas foram contratados, como por exemplo, os colegas John Greenfield, a Teresa Oliveira e o Américo Monteiro e também a Zaida Rocha Ferreira, todos assistentes, assistentes convidados ou leitores. Também se contou com a colaboração do Dr. Hans-Dieter Hüsgen. A orientação científica era assegurada primeiro pelo Professor Doutor Olívio Caeiro, da Universidade de Lisboa, que orientou a minha tese de doutoramento sobre Wolfgang Koeppen, e depois pela Professora Doutora Maria Manuela Delille, da Universidade de Coimbra, de quem alguns de nós tínhamos sido alunos. A Professora Delille viria a orientar várias teses de doutoramento, como as de Teresa Oliveira, Américo Monteiro, Maria Antónia Teixeira e Ana Isabel Boura. Essa orientação continuou até que os docentes da casa fossem terminando os seus doutoramentos.

Organizou-se o primeiro grande congresso do Departamento, “Kafka. Perspectivas e Leituras do Universo Kafkiano”, cujas atas foram publicadas na editora lisboeta dos germanistas, a ‘apáginastantas’, em 1984. Continuou a colaboração com a Universidade

de Essen, na RFA, através do Professor Jochen Vogt, que tinha tido início nas Taipas em 1977, e de alguns dos seus colaboradores, como o Hannes Krauss, a que se juntou o Professor Hugh Ridley, da UCD, de Dublin. A colaboração com a Embaixada da Áustria também deu os seus frutos, permitindo convites a escritores, Professores e leitores, para além da doação de livros. Entre muitas outras áreas da literatura de expressão alemã, sobretudo a partir do século XVIII, começou a facultar-se a Literatura Alemã Medieval, com o Professor John Greenfield. O DAAD continuou o seu apoio regular, enviando leitores, livros e também possibilitando o visionamento de filmes. O ensino do alemão esteve a cargo de vários leitores alemães como a Anette Kind, o Thomas Riepenhausen, a Susanne Munz, a Renate Biesel, o Thomas Brysch, o Ulrich Kamien; austríacos, como a Ilse e a Heidrun, e a suíça Simone auf der Maur, que tinha sido estudante Erasmus na nossa Faculdade. E foram-se abrindo áreas como a tradução, a didática, a linguística, contando-se com a colaboração de novos docentes, como o Thomas Hüsgen, a Isabel Galhano e a Joana Guimarães.

Note-se, a este respeito, a estreita ligação com o Goethe Institut, tendo inicialmente como diretor o saudoso Adolf Himmel. O Goethe colaborou connosco em inúmeras atividades, desde o apoio a eventos até convites a escritores. Vários escritores helvéticos vieram também fazer leituras das suas obras, com o apoio da Embaixada da Suíça e da Pro Helvetia.

Entretanto as condições de trabalho melhoraram, com a diminuição do número de estudantes. Um aspeto que sempre caracterizou a nossa Faculdade foi a abertura a línguas não curriculares. Destaque-se o ensino da língua russa, do Neerlandês com a leitora Roza Huylebrouck e do Sueco, a que se seguiram outras línguas. Um outro fator muito positivo foi a introdução do Programa Erasmus, inicialmente através do trabalho de vários docentes, depois institucionalizado. Muitos alunos nossos foram estudar sobretudo na Alemanha, e recebemos também alunos de várias universidades europeias.

E mais uma vez fizemos as malas, desta feita para o edifício em que nos encontramos, com as qualidades e os defeitos que todos conhecemos, mas que representou uma grande melhoria. E com os assistentes todos doutorados, e também alguns ex-leitores, inseridos em diversos centros de I&D da FLUP, a qualidade do ensino e da investigação melhorou significativamente, o que se vê no volume de publicações, de congressos e de eventos em que participaram ou organizaram.

A (re)abertura do Curso de Germânicas no Porto. Memórias de uma estudante

Teresa Martins de Oliveira

Quando há 20 anos, num contexto não muito diferente deste, me foi dado partilhar as memórias que guardo do meu tempo de estudante dos primeiros anos do curso de Filologia Germânica na Universidade do Porto, dei destaque às condições adversas que revestiram principalmente o período inicial. Por outro lado, lembro-me que sublinhei o facto de, ainda que em tempos de ditadura, a criação do curso de Germânicas no Porto ter sido, afinal, não apenas o resultado da pressão das autoridades académicas, mas também da «vontade popular», expressa num abaixo-assinado de cerca de 800 alunos do Porto e Norte do país, candidatos à frequência desse curso, que pedia a sua criação na FLUP (*vd.*, p.ex., Debates Assembleia Nacional, debates. parlamento.pt., p. 3091 de 27 de Janeiro 1972).

Hoje, com o distanciamento que a situação de aposentada me dá, recordo a dedicação dos professores e as condições difíceis em que lecionaram e como para os estudantes foram anos de verdadeiro amadurecimento científico e humano.

Começamos por notar que, numa época em que, sem *numerus clausus*, os alunos escolhiam livremente o curso que queriam frequentar, e sendo Germânicas um curso da moda (para meninas, entenda-se), em parte porque havia emprego garantido para professoras/es de inglês e alemão, inscreveram-se no 1.º ano do novo curso 516 alunos (44 do sexo masculino e 472 do sexo feminino) (<https://ler.letras.up.pt>). Posso imaginar que não se estivesse à espera de uma tal avalanche!

As condições de instalação eram mais do que precárias: fora-nos atribuído um anfiteatro recôndito no edifício das Biomédicas, em frente ao Hospital de St. António, mais tarde obtivemos ainda uma sala no primeiro piso. Muitos se lembrarão do frio e do cheiro – a comida (da cantina), a cavalos (do picadeiro da GNR e das experiências feitas pelos nossos «vizinhos» do departamento de Química). Não era apenas o espaço físico que nos

fora atribuído que era exíguo e desconfortável, insuficiente era também o número de docentes. Para a área de alemão, apenas a Professora Maria Manuela Campos, única doutorada do grupo, e o Dr. António Franco, que viria a tornar-se um importante pilar do ensino do alemão na FLUP. Tínhamos ainda como professora de Introdução à Linguística a muito jovem Dr.^a Fernanda Irene Fonseca.

Nesse ano inicial, o Dr. Franco foi confrontado com três turmas de alemão, cada uma com ... cerca de 170 alunos, o que constituiu certamente um enorme desafio às suas capacidades pedagógicas. Todavia, estou certa de que terá logrado ensinar muito a muita gente. No que toca à Literatura Alemã, com os estudantes divididos em duas turmas, apinhados nos bancos corridos do anfiteatro e sentados pelas escadas e pelo chão, as aulas não podiam ter senão uma orientação magistral (que invadia também as assim chamadas aulas práticas). Nós, os estudantes, escrevíamos tudo quanto a Professora dizia, furiosamente, como os alunos do desencantado Fausto “als diktire der Heilige Geist” [como se ditasse o Espírito Santo]. Mas estes apontamentos eram tanto mais importantes, quanto na biblioteca quase não havia livros relativos à literatura alemã. Olhando para trás, penso que esta seria talvez a mais grave lacuna daqueles anos iniciais do curso. Apesar disso, creio que ao fim do 1.º ano de Literatura Alemã os estudantes terão ficado com uma perspetiva razoável daquela literatura, desde os «Merseburger Zaubersprüche» até ao Romantismo. Já se a literatura alemã assim servida se afiguraria muito apelativa e instrutiva é uma outra questão que não nos irá ocupar.

Quanto aos estudantes, eles eram naturalmente um grupo muitíssimo heterogéneo, no que diz respeito à origem (geográfica e não só), à idade (embora a grande maioria fosse, naturalmente, muito jovem) e a conhecimentos (de um lado aqueles que tinham frequentado dois anos de alemão no ensino liceal e que seriam a maioria; no ponto oposto da escala o Udo Kötzle, de quem alguns ainda se lembrarão, e que a Faculdade teve a inteligência de integrar pouco depois no grupo dos docentes, inicialmente com o estatuto de monitor). Havia ainda estudantes que hoje entrariam na categoria de «com necessidades educativas especiais», que, mesmo sem esse estatuto, eram apoiados e integrados indiscriminadamente por todos. Recordo os dois irmãos tetraplégicos que na Rua das Taipas eram içados nas suas cadeiras às vezes até ao 4.º andar pelos pais, ajudados por estudantes, funcionários e até professores.

De uma forma geral, e pensando agora em todo este grupo tão diversificado, e comparando-o com a minha experiência como docente, parece-me justo afirmar que havia

muita gente muito bem preparada, nomeadamente no que toca a língua alemã, e isto mesmo entre aqueles que vinham dos liceus portugueses com apenas dois anos de alemão. A passagem para a Rua das Taipas, no final deste primeiro ano letivo, foi sentida como uma grande melhoria: tínhamos um edifício todo por nossa conta, restaurado de novo, ainda a cheirar a tinta. Claro que havia sempre quem se queixasse (a Rua das Taipas ficava numa zona degradada, a calçada era íngreme e escorregadia nos dias de chuva, as meninas ouviam piropos mais ou menos indecorosos, até dos presos que se penduravam nas grades da Cadeia das Relação para nos ver passar; o edifício era todo construído em altura, o que nos deixava sem fôlego antes de chegar às aulas, não havia bar nem salas de convívio). Confesso que, pessoalmente, achava que o Piolho supria bem tal falta e que subir os degraus era uma forma de ginástica matinal. De qualquer forma, sempre tive um inconfessado medo do edifício das Taipas, porque todo ele abanava, quando os entretanto já cerca de 800 estudantes trotavam pelos corredores. Há pouco li num depoimento do nosso Colega Araújo Lima que o Dr. Armando de Moraes, o Franco e ele próprio tinham o mesmo receio e que teriam chegado a saltar no meio das salas, testando a segurança da velha construção. Nesse ano, chegaram também novos professores. Para a área de alemão, e para as cadeiras teóricas, a Dr.^a Roza Huylebrouck e o Dr. José Manuel Coutinho.

A relativa normalização que se ia instalando nas Germânicas é interrompida com o 25 de abril, que no meio estudantil se vinha anunciando já num clima de contestação, e pelas rusgas da polícia, que terminavam invariavelmente em cargas violentas sobre os estudantes. Nesse dia, a Professora Manuela Campos ainda deu a aula das 8.30 h e foi apenas às 10.15 h que muitos estudantes se aperceberam da revolução em curso. A partir daí, não houve mais aulas: num ambiente de generalizada confusão e de euforia, interrompida por momentos de confronto ideológico, sucediam-se as RGAs, em que se tratavam questões da academia e de fora dela.

Entre as primeiras, era dado destaque à necessidade de determinar como os estudantes deveriam ser avaliados, uma vez que exames e distinção de classificações eram consideradas pelos mais radicais como resquícios fascistas e fascizantes. Outro dos temas que ocupavam as reuniões era a necessidade de reformular os currícula e os conteúdos das cadeiras, questão em que todos os estudantes pareciam estar de acordo. Menos consensual era a forma como tal reformulação devia ser levada a cabo. Lembro-me do ar indignado com que foi recebido o meu comentário, de que na qualidade de aluna do 2.º ano não me sentia habilitada a reformular o programa de literatura alemã. Creio que isto

foi realmente um comentário desadequado da minha parte, num ambiente onde ser realista era pedir o impossível e onde se acreditava poder encontrar areia da praia debaixo dos paralelos sujos da Rua das Taipas! Por fim, e no que toca aos programas, tudo acalmou e estes acabaram por aparecer na sua nova versão pela mão dos novos professores que a partir do ano seguinte começaram a chegar e trouxeram lufadas de ar fresco à Faculdade, e as mudanças foram acontecendo gradualmente.

No que respeita ao alemão, a solução foi mais drástica. Como para desconsolo de alguns o alemão não se compadecia com ventos de mudança e continuava a ter demasiadas regras e declinações, e isso não parecia fácil de alterar, no ano de 1976 foi mudado o currículo, introduzindo-se a possibilidade de concluir a licenciatura nas variantes de Anglística e/ou de Germanística. A primeira variante foi rapidamente abraçada por muitos dos que se continuavam a debater com as dificuldades do alemão. Tenho vagamente na ideia de que esta divisão veio a causar problemas a longo prazo, quando estes estudantes procuraram ingressar como docentes no ensino público, que apenas previa a variante comum de alemão e inglês.

A curto prazo, esta divisão teve para os alunos que permaneceram no currículo antigo a grande vantagem de diminuir as turmas da componente de alemão. Antes ainda dessa divisão, lembro-me bem das aulas concorridíssimas da Dr.^a Maria Marques, com os alunos sentados em cadeiras pelo corredor fora e até nos degraus das escadas, afluência a que não eram por certo alheios o seu entusiasmo contagiante e a sua afabilidade. No ano seguinte, a literatura alemã foi enriquecida com a chegada do Dr. Gonçalo Vilas-Boas que, com uma perspetiva mais contida e sóbria, enchia o quadro de esquemas, para que olhávamos com um misto de desconfiança e fascínio.

Épocas, temas e autores haviam mudado. Estudava-se especialmente literatura pós-45 e autores «de esquerda». Ao lado dos canónicos Böll e Brecht, ouvíamos pela primeira vez falar de «Arbeiterliteratur» [literatura de trabalhadores] e do «Bitterfelder Weg». Os livros de sumários desta época, que se encontram online e acessíveis a quem os quiser consultar, são uma interessante fonte de informação e revelam agora, 50 anos depois, não só o empenhamento dos docentes, como a atualização do muito que ensinavam. Chegaram também novos professores de língua, entre eles o primeiro leitor do DAAD, mas as turmas, cujo número de alunos diminuía por certo em relação ao inicial, eram ainda, comparadas com as condições de hoje, demasiadamente grandes.

Antes de terminar, quero lembrar outra das vantagens que o 25 de abril trouxe ao Curso de Filologia Germânica e que foi a visita frequente de professores de universidades alemãs. Numa época em que não havia a mobilidade docente nem discente que o Programa Erasmus viria a generalizar, os estudantes de Germanística foram grandes beneficiários da assim chamada «Reisegermanistik» [germanística em viagem], que nos anos 70 acometeu principalmente os professores mais jovens de muitas universidades alemãs e que se casava, no que nos diz respeito, com as também populares «Reisen in die Revolution» [viagens à revolução]. Lembro-me bem do primeiro desses seminários que frequentei, orientado pelo Prof. Jochen Vogt, da Universidade de Essen, que, trazido pelo Gonçalo, se tornou visita assídua da Faculdade e amigo de muitos de nós.

Em 1977/78 concluíram a licenciatura os estudantes do 1.º curso de Filologia Germânica e no final, as Germânicas mudaram-se para o Edifício do Campo Alegre. Não sei quantos dos que haviam iniciado em 1972/3 chegaram nesse ano ao fim.

As «Germânicas» na Rua das Taipas

Maria Antónia Gaspar Teixeira

No longínquo verão de 1974, cerca de dois anos após o reinício do curso de Filologia Germânica na Universidade do Porto, candidatei-me a um lugar de leitora de Língua Alemã. Quando já se sabia que a candidatura fora aceite mas ainda antes de assinar o contrato, o Dr. António Franco considerou – hoje vejo que muito sensatamente – que eu me devia ambientar ao que se passava na Faculdade e, por sua sugestão, passei a assistir com regularidade às inúmeras R.G.A.s que se sucediam. E foco-me essencialmente nesses primeiros tempos na Rua das Taipas porque, dos docentes de então que participam hoje nesta sessão comemorativa dos 50 anos do DEG, sou a única que os viveu.

No verão do ano lectivo de 1973-1974, os ventos de mudança do 25 de abril que varreram o país implicaram que, também nas vulgarmente chamadas Germânicas, quase, se não tudo o que se fizera até aí era rejeitado como retrógrado e antidemocrático. No clima efervescente e confusamente desorganizado que se instalou e se prolongou por algum tempo, mas sempre muito euforicamente empenhado, considerava-se que era necessário reorganizar tudo. As aulas haviam sido logo interrompidas, não se realizaram exames – recorreu-se à figura da passagem administrativa utilizando-se a média do ano anterior, o que muito terá agradado a vários estudantes e aborrecido outros tantos. Nas R.G.A.s que se criaram, sempre muito concorridas pelos alunos que passaram a ter voz ativa na vida da faculdade, debatia-se acaloradamente, desde o delineamento do *curriculum* e dos programas do curso, passando pelo modo de avaliação dos alunos, até à contratação dos docentes. Lembro-me, p. ex., de assistir a uma das propostas dos estudantes: a criação de uma cadeira (creio que opcional) de Língua Russa, que de facto teve lugar, porque, argumentava um aluno, queria ler Karl Marx no original!

A necessidade de novas contratações para 1974-75 era premente. O curso ia entrar no 3.º ano, e os assoberbados docentes que até aí tinham assegurado as aulas da variante de Alemão nos dois primeiros anos de modo algum poderiam dar conta do recado. Além disso, veio a constatar-se que, embora mantivesse o vínculo com a Faculdade, a Prof. Maria Manuela Campos, única docente doutorada, como que se foi autoexcluindo e acabou por não voltar a lecionar. Restavam por isso dois leitores (o Dr. António Franco e a Dra. Roza Huylebrouck), um assistente (Dr. José Manuel Coutinho) e um monitor

(ainda enquanto aluno – Udo Kötzle). A contratação de docentes não deixava de ser *sui generis*: o *curriculum* de cada um era afixado no átrio do edifício da Rua das Taipas durante vários dias (creio que duas ou três semanas) e sujeito à aprovação não apenas dos docentes da casa, mas também dos alunos que tinham, como um dos critérios fundamentais, o facto de o candidato não ter furado a greve estudantil de 1969. E foi assim que o corpo docente da vertente de Alemão foi reforçado com uma assistente, a Dra. Maria Marques, e dois leitores, o Dr. Gunther Hammermüller (enviado pelo DAAD), e eu própria.

As aulas começaram muito tarde, se não me engano em dezembro ou janeiro, e até lá, havia que preencher o tempo para além das referidas R.G.A.s que continuavam. Por iniciativa do Dr. Franco e sobretudo de um assistente da área de inglês (Dr. Eurico Marques da Silva), criou-se uma espécie de *workshops* alargados, concorridíssimos por parte dos alunos e também por alguns docentes, nos quais se refletia sobre literatura e humanidades. Lembro-me ainda que, por sugestão dos alunos, se organizou uma viagem dita de estudo à Fundação Gulbenkian, onde se encontrava uma exposição de Juan Miró. Alugou-se uma camioneta e lá fomos mas, quando chegámos, a grande parte dos alunos desapareceu como por magia e o Miró teve de se contentar quase só com os docentes.

Na distribuição do serviço docente, foram-me atribuídas quatro turmas, três de Alemão II (que dava em paralelo com outros três leitores) e a única de Alemão I, o que se traduziu em 16 horas semanais e aulas de segunda a sábado. É que, apesar de o ano de serviço cívico instituído implicar que o 1.º ano não funcionaria regularmente, quatro estudantes tinham feito as provas para maiores de 23 anos. Esta era, aliás, uma turma sem grande preparação mas muito empenhada, que resistiu com valentia aos desafios da língua.

No Alemão II, o panorama era diferente. Os alunos eram muito heterogéneos, tanto na sua origem (havia inclusivamente dois irmãos de nacionalidade alemã, já de meia idade, que não falhavam uma aula), como quanto aos conhecimentos que traziam do secundário. A minha grande surpresa foi em relação à constituição das turmas. Tinham sido organizadas alfabeticamente pela secretaria e numa delas estavam sentadas nada menos do que cerca de 30 Anas Marias.

Não havia nem livro nem programa comum a todas as turmas, cada docente utilizava o material que melhor lhe parecesse. No final do ano, debatia-se com os alunos a avaliação a atribuir a cada um. Claro que as notas de 1-20 tinham sido abolidas porque expressão

de um conservadorismo inaceitável, mesmo fascistas, e passaram a ser apenas de 1 a 3: uma negativa e duas positivas.

Já para além do âmbito estritamente académico e saltando um pouco no tempo, recordo ainda os momentos de convívio entre professores e alunos em animados almoços e jantares em restaurantes de Matosinhos. Ou como no outono de 1975, o Goethe-Institut convidou um grupo de portugueses ligados, não necessariamente à Germanística mas de algum modo à cultura alemã, entre eles docentes e estudantes das universidades de Lisboa, Coimbra e Porto, para uma estadia de três semanas em Berlim Ocidental – muito provavelmente para lhes demonstrar, nas muitas palestras e visitas, as vantagens da social-democracia numa altura de grande instabilidade revolucionária entre nós. O contingente da FLUP era constituído pelo Dr. Armando Morais, Dr. Franco, eu e a Zaida Schwighammer enquanto aluna. Não posso esquecer também um divertido picnic na praia, em 1976, com todos os docentes da Filologia Germânica, que nesse ano se separaria na vertente de Inglês e na de Alemão, dando origem ao Departamento de Estudos Germanísticos (DEG). Lembro-me ainda, durante os anos em que estivemos na Rua das Taipas, portanto até 1977, das idas com os meus colegas ao Rei dos Galos, uma tasquinha manhosa e creio que única na rua, que nos servia como substituição do bar inexistente na faculdade. Aí, o nosso colega Hammermüller deliciava-se amiúde com cerveja misturada com groselha, bebida que dava pelo sugestivo nome de Tango.

Em 1977, ano da mudança para o edifício do Campo Alegre, quando todos colaboraram no transporte dos livros e de algum mobiliário, já mais docentes haviam sido contratados e o DEG começava a viver tempos mais calmos.